

Anarquismo , Autogestão e Socialismo em “Nuestra America”

Claudio Nascimento

O novo ciclo de lutas, iniciado nos anos 90 na América Latina ,demanda novas reflexões. Está marcado por experiências diversas e de caráter heterodoxo. As velhas correntes ideológicas já não dão conta da tarefa. Entretanto, ideias-força e possibilidades não realizadas no passado , estão presentes na disputa de ideias.

São idéias-força que sempre renascem das cinzas. Nesse sentido, que significa estudarmos as ideias anarquistas em pleno século XXI ? Estas surgiram no século XVIII e tiveram seu ápice no século XIX e nos primeiros anos do século XX. Suas propostas de ação direta, antiestatismo e apoliticismo tinham sentido contra o Estado oligárquico e na disputa com correntes burocráticas da esquerda da época.

Todavia , as Ideias-força se projetão no futuro. Nesse sentido, as anarquistas não são apenas a ‘infância’ do pensamento socialista. Têm grande atualidade pratica, influenciando os Projetos de transformação social em disputa neste momento de crise estrutural do capital.

Em 1968, por exemplo, as ideias libertarias ressurgiram, quando as velhas teorias não deram conta da nova realidade, as intuições anarquistas romperam alguns bloqueios.

Quando estudamos as correntes ideológicas do movimento social , o primeiro passo é um mergulho na historia .Mas, sobretudo, analisarmos as lutas sociais e traçar as idéias-força. Pablo G.Casanova, define um método: “Aqui aparece uma historia da consciência camponesa diversa da historia das escolas e doutrinas que chegam a ter influencia entre os camponeses”.(1984-p.10).

Outro grande historiador do movimento operario latino-americano, Carlos M.Rama, nos fala de uma **‘tradição desviacionista’** em relação às idéias que nos chegaram da Europa com os imigrantes.(1976-p.17)

Antonio Melis ,um gramsciano profundo conhecedor da obra de Mariategui e da América Latina, nos adverte: “Do ponto de vista ideológico, é importante destacar como emerge uma **constante tendência latino-americana a favorecer a heterodoxia**,ou a marginalidade, em respeito às correntes fundamentais do socialismo europeu”(idem-p.17).

Essa tendência abrange a influencia dos clássicos do libertarismo .O anarquismo tem muitas faces e ideias, muitas envelheceram e estão enterradas no passado. Mas, há um ‘conteudo de verdade’ que se projeta no futuro. Está presente nas obras dos classicos Proudhon, Bakunin, Kropotkin. Mais que analisarmos as doutrinas e correntes anarquistas na America Latina, devemos traçar algumas de suas ideias fundamentais.

Todavia, esse ‘desviacionismo”,essa ‘heterodoxia’, não significa a exclusão nas experiências históricas dos operarios,camponeses,índios,populares , das principais ideias das correntes

ideológicas. Seja o 'socialismo utópico', o anarco-sindicalismo, ou os marxismos. Estas se 'incarnam' na 'prática inerte' dos movimentos sociais .

Em Nuestra America, a cada nova etapa de dominação do Capital, surgem rebeliões, insurreições e mesmo revoluções em que as teorias renascem das cinzas de forma híbrida, como diz M.Lowy, ao analisar o 'renascer de che Guevara' nas insurreições recentes na América latina provocadas pela globalização capitalista: "uma ebulição ideológica em busca de soluções igualitárias, democráticas e antiburocráticas". (2009-p.10)

Lowy afirma : "Nenhuma corrente revolucionária, nem guevarista nem trotskista nem libertaria, pode sozinha pretender encarnar a síntese dessas experiências". (idem).

Entretanto, neste imenso e profundo laboratório de construção de alternativas que é Nuestra America, diversos elementos estruturantes destas correntes ideológicas estão presentes nas experiências em curso .Esse é o sentido da 'ebulição ideológica', do 'desviacionismo' e do 'híbridismo'. Uma "ecologia dos saberes" .

Experimentação no interior de uma 'crise de hegemonia', mas sobretudo numa "crise de processo civilizatório".

As ideias fundamentais das diversas correntes ideológicas são partes intrínsecas ao caráter de 'experimentação social'. Boaventura afirma que "A experimentação social , económica e política exige a presença complementar de várias formas de exercício democrático (representativo, participativo, comunitário, etc)." "Dentro e fora do Estado", sem dúvidas. (2010-p.175).

Diversos "Grupos de Trabalho" da CLASCO têm enfrentado o desafio de pensar os novos horizontes de Nuestra America. Um deles, "Hegemonias y Emancipaciones" realiza pesquisas sobre os novos horizontes e nos traz muitas ideias. Através de um de seus integrantes, Emir Sader , podemos confirmá-lo. Emir em seu estudo sobre a 'nova toupeira', caracteriza a conjuntura que vive nosso continente:

"A configuração histórica da América Latina neste momento é de uma crise hegemônica, em que o modelo neoliberal e o bloco de forças que são seus protagonistas se desgastam, se debilitam, e só conseguem sobreviver se aplicados de forma mitigada –como nos casos do Brasil, Argentina e Uruguai-. Porém, temos que assinalar que isso ocorre em um marco em que **a construção de um modelo superador e um novo bloco de forças** encontra muitas dificuldades para impor-se." (2009-p.73)

E, caracteriza a experimentação social:" O que chamamos *pós neoliberalismo* é uma categoria descritiva que designa diferentes graus de negação do modelo, mas ainda não é um novo modelo; é, por sua vez, *um conjunto híbrido de forças que formam alianças sobre as quais se baseiam nos novos projetos*". (idem-p.74).

Tal qual o que ocorreu na Europa, o anarquismo em seu conjunto se desgastou em lutas com o Estado e disputas internas. Na década de 20 ,em vários países, muito de seus militantes passaram para fundação de PCs .Após os anos 30 sobraram pequenas organizações com pouca incidência nas conjunturas políticas.

Todavia, das várias correntes do Anarquismo (anarco-sindicalismo, socialismo libertário, etc), algumas idéias-força ultrapassam o quadro puramente ideológico, o que assegura a concepção libertária a presença nos debates teóricos. O historiador Frances, Jacques Julliard, em sua obra “Autonomie Ouvrière” ,etudes sur Le syndicalisme d’action directe” nos reforça essa hipótese do alcance superior das ‘idéias-força’ do libertarismo.

Nos momentos revolucionários as idéias não constituem blocos monolíticos. Na grande 1ª grande Revolução francesa idéias anarquistas, comunalistas, descentralizadoras coexistiram com outras centralizadoras ,autoritárias. É o ‘hibridismo’. A “ecologia de saberes”.

As ideias anarquistas libertárias, sem dúvidas, quando se trata de autogestão, mostram uma grande atualidade.

Nesse sentido, há idéias-força nos clássicos libertários Kropotkin, Proudhon, Bakunin, e Landauer. E em três grandes experiências históricas: a fundante Comuna de Paris (1871), a Revolução Mexicana zapatista em 1910-11 e, a Revolução Espanhola das Coletividades Agrárias em 1936-39.

De M. Bakunin (1814-1876) ,destacamos sua concepção de um socialismo federativo, libertário,descentralizado e autogestionario,constituído pela democracia direta dos trabalhadores auto-organizados em suas empresas e pelos cidadãos com seus auto-governos.

Na Comuna de Paris (1871),Kropotkin esteve presente na ideia de um federalismo com base em instituições revolucionarias semi-espontaneas ,tipo conselhos,comitês e seções.Para Kropotkin são expressões primitivas dos princípios do anarquismo,embriões de anarquismo.

A influencia dos anarquistas foi forte na organização dos serviços públicos, através de ‘mutualistas’, ‘coletivistas’, ‘bakunistas.’

J.Proudhon (1809-1865) defendia o socialismo com base na propriedade social, a empresa autogerida , cooperativa, mutualista; na igualdade econômica, na superação do assalariado, a participação direta do povo no autogoverno, sem centralismo nem Estado autoritário, mas com federalismo e democracia direta. Foi o primeiro a propor uma concepção anti-estatal da gestão econômica.

P.Kropotkin (1842-1921),o último dos grandes teóricos anarquistas, tendo vivenciado a experiência da Revolução de 1917 na Rússia, optou pelas idéias de Proudhon e Bakunin ,criticou o ‘capitalismo de Estado disfarçado de socialismo ‘ existente na Rússia , e defendeu o ‘socialismo libertario’ com base no autopoder da democracia direta, na politica, e da autogestão das empresas, na economia.

A critica radical ao Estado é um elemento comum as concepções anarquistas. Para Kropotkin , a partir da experiência da Revolução russa, o Estado tem um papel contra-revolucionario enquanto instrumento de dominação da burocracia.

Na Revolução mexicana o zapatismo se expressou através da Comuna de Morelos , que teve inspiração na Comuna de Paris. E, na revolução espanhola, a CNT-FAI buscou criar o

comunismo libertário e a autogestão no campo e na cidade, através das coletivizações camponesas.

Para além dos clássicos há a figura de Gustav Landauer (1870-1919), participou da Revolução dos Conselhos Operário de Munique e foi assassinado em maio de 1919. Landauer recolhe muitas ideias de Kropotkin, mas tem uma visão original do que denominou de “Anarquismo-socialismo”. Na sua obra principal “Incitação ao Socialismo” (1911) seu objetivo é a ausência de autoridade, a ausência de Estado, a vida livre do indivíduo; e será alcançado através do trabalho em cooperação, as comunas socialistas de trabalho. Sua forma principal de luta é a greve geral ativa.

G. Landauer adotou a expressão “Socialismo construtivo e experimental”, tendo a ‘propaganda pelo fato’ e a ‘ação direta’, como métodos para sua construção.

M. Lowy põe Landauer no campo dos “Românticos Revolucionários”: “Seu ‘Apelo ao Socialismo’ de 1911 desenvolve e concretiza os temas esboçados em “A Revolução” (1907). Landauer ataca diretamente a filosofia do progresso comum aos liberais e aos marxistas da Segunda Internacional (...). Ele vê nas comunas e associações medievais a expressão de uma vida social autêntica e rica em espiritualidade, que opõe ao Estado moderno ‘essa forma suprema do não espírito’ e reprova ao marxismo por negar a afinidade entre o socialismo do futuro e certas estruturas sociais do passado como as repúblicas urbanas da Idade Média, a Marcha rural e o Mir russo” (2010-pp. 96,97).

Estas ‘formas comunitárias do passado’ são, para Landauer, “os germens e cristais de vida da cultura socialista do futuro”. “As comunas rurais, com seus vestígios da antiga propriedade comunal e sua autonomia em relação ao Estado, serão os pontos de apoio para a reconstrução da sociedade” (idem).

A práxis dos movimentos sociais com base na autogestão, a partir de 1968, reconciliou Marx com Proudhon”. Surgiu a possibilidade de uma ‘síntese’ articulando autonomia e autogestão.

Enfim, no ciclo das lutas pela autogestão (1976-1982), Na Polónia o movimento “Solidarnosc” articulou **Autonomia e Autogestão** na proposta de uma República Autogestionária. A experiência dos Conselhos de Trabalhadores e a luta contra o controle autoritário do Estado, colocaram a autogestão, a autonomia e independência como chaves da estratégia político-social. A experiência do Solidarnosc marcou as novas estratégias surgidas no pós 1989.

Para Nuestra América, nossa hipótese é de que, nas experiências de superação do neoliberalismo, em que os processos constituintes com objetivo de ‘Refundação do Estado’, nos países Andinos, como Venezuela, Bolívia e Equador, e noutra perspectiva política, em Chiapas, algumas ideias do socialismo libertário (que sintetizamos acima com alguns clássicos do anarquismo libertário) estão presentes enquanto elementos de construção do ‘poder popular comunal’.

Diferentemente das experiências do Sul, Brasil, Argentina e Uruguai, onde por vários motivos, esse processo não teve processos constituintes com refundação do Estado e construção de ‘poder popular’, como eixos estratégicos.

Voltemos as idéias de Sader sobre as estratégias alternativas postas em jogo nas experiências em curso de ‘pós neoliberalismo’.

Para Sader ,nosso continente carece de pensamentos estratégicos que orientem seus diversificados projetos políticos. Apesar de profundas experiências , fortes lideranças e capacidade de análise, as 3 estratégias das esquerdas latino-americanas vivenciadas em um longo período , o Continente não produziu a teoria de sua prática. Assim, um dos elementos da crise hegemônica na América Latina é a falta de teorias a respeito. A exceção seria o grupo boliviano ‘la Comuna’ ligado a Garcia Linera, por sua capacidade de aliar trabalho acadêmico e análises individuais de grande criatividade teórica”.(2009-p.116).

O ciclo neoliberal trouxe novos desafios teóricos e as lutas em curso são marcadas por práticas novas (‘rebeliões territoriais, greves de fome, ocupação de ruas, concentrações de massa, resistências armadas’).Mas, em geral, as lutas contra o neoliberalismo são caracterizadas por ensaios e erros e ações nos pontos fracos do sistema.

Para Sader, os três países que desenvolvem projetos ‘pós neoliberais’ , estes fatores pesaram bastante. Afetou o processo venezuelano, o boliviano achou saída original e o equatoriano se apoiou em soluções híbridas.(idem)

Nesse contexto, Sader comenta ,então, a teorização realizada por alguns pensadores. Por exemplo, “Teorizações como as de HOLLOWAY e TONI NEGRI aparecem como adequações a situações reais que, em vez de propor soluções estratégicas, buscam fazer do vício virtude”.(idem-p.114)

Ambas, com suas distinções, por falta de visão estratégica, refugiam-se em uma mítica ‘sociedade civil’ e numa reducionista ‘autonomia dos movimentos sociais’. Tal qual as concepções anarquistas do passado, isso ocorre em ‘detrimento da política ,do Estado e dos temas estratégicos e ,de construção de projetos hegemônicos alternativos, e de novos blocos sociais e políticos”(idem-p.115)

Noutra perspectiva , outro integrante do mesmo Grupo da CLACSO, Raul Ornelas ,analisa duas estratégias das esquerdas:

-“Emancipação social”, centrada na ideia da ‘autonomia dos movimentos sociais’, e, uma crítica da hegemonia como categoria do poder. Os exemplos : neozapatismo em Chiapas, piqueteiros na Argentina);

-“Contra hegemonia” , articulação com a esfera política ,com o Estado, para construção de hegemonia alternativa. Os exemplos: Bolívia, Venezuela, Equador.

R.Ornelas aponta convergências e divergências :“As reflexões sobre as contrahegemonias e as emancipações convergem-na necessidade de romper a hegemonia do grande capital e seus agentes locais, e também na aspiração de construir a mais ampla unidade em torno dessa definição estratégica. Ao contrário, as dinâmicas da organização e da construção do sujeito transformador portam fortes diferenças(...)Levando em conta convergências e divergências, o projeto contrahegemonico privilegia a luta política,enquanto a construção da autonomia constitui o eixo do projeto emancipador”(Ornelas-p.113).

Mas, podemos afirmar que, onde há articulação entre autonomia (independência dos movimentos sociais) e autogestão (via comunas e conselhos populares no processo de refundação do Estado), a luta toma o caráter de alternativa política de construção de contra-hegemonias, não por meio das estruturas de poder existente, mas pelo processo de refundação do Estado em torno da esfera pública, através de conselhos e comunas populares, na perspectiva de um “Estado Comunal”.

Entretanto, quando há separação entre autonomia e autogestão, ocorre o isolamento político. O exemplo mais claro, é a luta neozapatista em Chiapas, centralizada ‘nas bases’ e na ‘construção desde abajo’ das novas estruturas sociais, tomando o Estado, os partidos e governos como adversário ou mesmo inimigos. E, aqui, há uma forte conotação das antigas correntes anarquistas e autonomistas.

Como diz Sader, “a perspectiva da ‘autonomia dos movimentos sociais’ encontra sua teorização mais articulada na obra de John Holloway” (“Cambiar el mundo sem tomar el poder”. “Agrietar el capitalismo”). E, podemos acrescentar também na obra de Raul Zibecchi (“dispersar el poder”) e nas idéias de Negri (império, multidão, etc).

Ambas estratégias ou perspectivas abordam a questão da economia popular solidária, através de ‘redes horizontais’, assembleias, formas comunitárias de organização. Todavia, separam-se no que diz respeito a relação com os Estados e Governos. A Contra Hegemonia busca seu fortalecimento como política pública, estratégia de desenvolvimento numa linha socioeconômica comunal, construção de poder popular articulando esferas pública e civil. Emancipação, ao contrário, constrói poder popular sobretudo na esfera da sociedade civil.

A questão do Poder e do Estado é o divisor de águas. Na visão da contra-hegemonia, o Estado é um espaço de síntese do conflito social; para a visão Emancipação, o Estado é um espaço de dominação. É tomado em conta, mas com distanciamento, não está no centro das ações e reflexões.

A disjuntiva de como aprofundar o processo democrático passa pela articulação entre autogestão e autonomia, como construção de um Poder Comunal e Popular. Contra-hegemonia e Emancipação deveriam ser duas faces de uma mesma moeda. Contudo, a experiência histórica tem mostrado a dificuldade desta construção. Mas, este é o desafio central da construção do socialismo com base na autogestão. É a esfinge a nos ameaçar, e não há receitas nem modelos, apenas ‘experimentações sociais’.

Pensando no Socialismo e na Autogestão em Nuestra América, a obra de José Carlos Mariátegui mantém grande atualidade.

Nesse sentido, é importante a reflexão de Miguel Mazzeo, autor que tem se dedicado a “atualizar a obra do Amauta” a partir das experiências dos anos 2000 em Nuestra América. Mazzeo condensa as ideias de Mariátegui na categoria de *socialismo práctico*.

Que entende Mariátegui por elementos de socialismo prático ?

Em linhas gerais podemos responder o seguinte: um conjunto de práticas sociais que se ratificam em torno ao **comunal**, o público e os valores de uso, também uma ‘mentalidade’, um ‘espírito’, enfim; uma **práxis**. Para isso,

o Amauta refuta o economicismo e” parte de seres humanos concretos e suas experiências.

Isto já mostra o interesse de Mariategui pelo cotidiano (espaço de reprodução), como espaço de exploração, opressão e espaço de resistência e luta por uma contrahegemonia.

Deixemos a palavra com M. Mazzeo:

Os elementos do socialismo prático remetem às tradições coletivistas da economia e da sociedade aborígenes, a práticas, concepções, subjetividades, etc, hostis aos modos de ser do gamonalismo * e do capitalismo(...). Porém, não são para Mariategui elementos puramente reativos, mas, são proativos, idôneos para outras conexões, geradores de tensões e contraposições dialéticas que instalam o futuro no presente. Um presente que se assume como uma instância de emdição ou ponto de partida concreto para uma ordem superadora e universal.

A comunidade, órgão específico do comunismo camponês-indígena, era para Mariategui a instituição nacional autóctona que se erigia em alternativa ao latifúndio, à ‘feudalidade’ e também ao capitalismo.

Para Mariategui o espírito coletivista dos povos originários vai mais além da existência das comunidades na serra peruana. Seu “Espírito de cooperação”, seus “mecanismos morais”, para o Amauta, se punham de manifesto em infinidade de práticas “extra comunitárias” e em distintas regiões de Nuestra América.

A “economia comunista indígena”, “o comunismo agrário do Ayllu”, e os “elementos de socialismo prático” remetem a princípios de reciprocidade e redistribuição das riquezas e consistem em hábitos e formas de cooperação e solidariedade e em um conjunto de ‘expressões empíricas’ de um “espírito comunista”.

Em outros povos originários podemos encontrar estes elementos. Mazzeo cita, por exemplo, entre quéchuas e aymaras: La minga, El ayni o ayne, El rama, El techa o pararaico, que significam: trabalho comunitário, colaboração no trabalho, colaboração mútua para distintas tarefas; remetem, portanto, às tradições sócio-culturais e às experiências dos povos originários.

Para Mariategui, o socialismo é “germen de auto-governo” que disputa o controle produtivo e reprodutivo do capital, como espaço de produção de agentes experimentados na mudança social, a partir do cotidiano”.

E o *comunismo agrário do Ayllu* serve a Mariategui como padrão de um socialismo não-estatal. As comunidades servem como exemplo de 'socialização' concebida como *propriedade social (coletiva) e usufruto dos meios de produção* por parte dos produtores diretos e que abrange a *socialização do poder*.

Mazzeo aponta outros elementos do 'socialismo pratico' enquanto 'elementos de anticapitalismo pratico': os que vão "Além do capital". Ou seja, o tipo ideal da organização comunal refuta os princípios básicos do sistema capitalista:

- a propriedade privada dos meios de produção (incluindo sua 'redistribuição');
- a estratégia do esforço individual frente ao esforço coletivo de que falava El Che;
- a dominação classista (e toda forma de dominação e exploração),
- a lógica da concorrência lucro e da acumulação que atomiza as classes subalternas,
- o fundamento da mercantilização, etc.

O socialismo pratico subordina todos esses elementos do capital à uma 'lógica solidaria'.

Assim,

A organização comunal contém o embrião do alternativo. Ao individualismo opõe o coletivismo, à propriedade privada opõe a propriedade coletiva, as relações sociais mediadas pelos laços mercantis contrapõe as relações solidarias, a organização vertical opõe a organização autônoma e de base.

Em relação ao processo de trabalho, "organização comunal tem os princípios comunitários básicos, entre outros: a emancipação do trabalho, a cogestão, a autogestão, o trabalho fraternal em associações voluntárias, etc., vai mais além da comunidade camponesa-indígena e são extensivos ao conjunto da sociedade".

Mazzeo também aponta dois outros elementos do socialismo pratico:

Os elementos do socialismo pratico resgatam um paradigma ecológico, ao propor um vínculo com a natureza que se contrapõe à propensão faustica do Capital;

Os elementos do socialismo pratico também propõem uma série de valores e uma moral antagônica à moral burguesa: uma "moral de produtores", como disse Mariategui inspirado em Georges Sorel.

Por fim, vejamos como Mazzeo define a Economia Comunista Indígena:

Mariategui cita a César Ugarte para explicar essa economia: “A propriedade coletiva da terra cultivada pelo Ayllu ou conjunto de famílias aparentadas, embora dividida em lotes individuais intransferíveis; propriedade coletiva das águas e terras de pasto e bosques pela **marca ou tribo**, ou seja, a federação de Ayllus estabelecidos ao redor de uma mesma aldeia; cooperação comum no trabalho; apropriação individual das colheitas e frutos...”.

No Brasil, em particular, as grandes mobilizações de rua em Junho de 2013, revelaram a existência de correntes libertárias em uma grande diversidade de grupos. O principal a salientar é a presença destas ideias no movimento “Bloco de Lutas”, que iniciou, a partir da questão concreta e popular do “Passo Livre”, as mobilizações. Este movimento existe há vários anos. Porta sintonia forte com a questão da Autonomia em relação aos Partidos e ao Estado. Em muitos momentos, realizou Assembleias Populares em praças públicas para debater os temas ligados a “transporte”. Em ocupações de Assembleias Municipais em algumas capitais, se organizou em Comitês Temáticos para debater o tema “Cidades”.

O Movimento é constituído por jovens trabalhadores precarizados das periferias.

Nas manifestações de Junho, outras correntes também estiveram presentes, Federações Anarquistas, como a do Rio Grande do Sul (FAG) e até grupos de grande complexidade política como o Black Bloc, caracterizado pela ação direta com muita violência.

É fundamental salientarmos que estas ideias já estavam presentes nas atividades dos grupos chamados “Altermundialistas” ou “Anti-sistêmicos”, presentes desde o 1º Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em 2001. A crise de representação e da democracia, a busca por novas formas de participação direta, são elementos fortes dos atos destes grupos e movimentos.

Nos Fóruns Mundiais, a construção pela Juventude das chamadas “Cidades Autogeridas” é um exemplo muito claro. A 1ª foi em 2001, após grupos de jovens terem analisado a experiência da “Comuna de Paris”, e em todos os Fóruns mundiais ou temáticos, os jovens rebeldes reconstruíram a cidade autogerida.

No Movimento social que chamamos de Economia Popular e Solidária, com presença nos diversos níveis de Governos, porta uma corrente que se baseia nas ideias da Autogestão Social, com princípios libertários, na perspectiva que apresentamos neste ensaio. A prática das diversas e múltiplas experiências de base (fábricas recuperadas, Bancos Comunitários, Fundos Rotativos Solidários, Casas de Economia Solidária, etc) estão grávidas de elementos de autogestão, autonomia. Não esqueçamos que o Secretário de Economia Solidária, é um socialista do filão “Rosa Luxemburgo” existente nas esquerdas brasileiras desde, pelo menos, os anos 50.

Para finalizar, recorremos ao pensamento crítico brasileiro, na obra do conhecido militante político e economista Rui Mauro MARINI. Após voltar do exílio, nos anos 90, Marini apresentou em diversas ocasiões a ideia da Autogestão em um sentido libertário.

Marini fez parte da corrente “luxemburgista” nos anos 60, e em seu exílio vivenciou fortemente, como dirigente do MIR, a experiência das lutas com formas autogestionárias no Chile de Salvador Allende, os Cordões Industriais e as tentativas de Assembleia Popular.

Em um dos seus ensaios, Marini aponta a estratégia de luta do movimento popular: “Ante a privatização ou a simples estatização, o movimento popular (sem perder de vista que a Propriedade Pública lhe é sempre mais conveniente que a privada), está em condições de sustentar a PROPOSTA DE UMA ÁREA SOCIAL REGIDA PELO

PRINCIPIO DA AUTOGESTÃO e da subordinação dos instrumentos de regulação do Estado às organizações populares” (“Lucha por La Democracia em América Latina”-1985).

No Congresso da ALAS, em Havana 1991, Marini retomou essa ideia da Área de Propriedade Social, que esteve presente nas experiências de Governos na Bolívia (Gal. Torres) no Peru (gal. Alvarado) nos anos 60. E no Chile da unidade popular no governo S. Allende, que Marini vivenciou diretamente.

Em 1994, ano do início das lutas contra o neoliberalismo em Nuestra América, com a rebelião em Chiapas, no ensaio “Duas Notas para o Socialismo”, Marini traça um ideário para o “Socialismo do século XXI”, ao propor uma análise das causas da crise do socialismo na URSS e na Europa oriental, que porta intensa vitalidade e vigência para o processo em curso na América Latina:

“Trata-se, sobretudo, de entender as novas formas de ação e os mecanismos de participação que as massas estão criando de modo mais ativo no plano da gestão empresarial e política(...) o Controle Operário, a Cogestão e a Autogestão das Empresas; a luta eleitoral e a participação no Parlamento e nos Governos locais; a participação e o controle popular sobre as políticas orçamentária, educacional, de saúde, de transporte público, junto a reivindicação de uma maior autonomia regional e local; a democratização dos meios de comunicação e o rechaço à censura; a crítica às desigualdades de base econômica, étnica ou sexual: esses são alguns instrumentos que as massas estão utilizando, em todos os lados, para defender seus interesses, elevar sua cultura e amadurecer seu espírito revolucionário” (“Duas Notas para o Socialismo”-1994).

Por fim, em pleno espírito “luxemburgista”, conclui: “É por esta via que as massas estão se capacitando para (diferentemente do que ocorreu até o momento nas revoluções socialistas), para assumir elas mesmas, a direção do processo de transição socialista. O que, no final, é a única garantia segura de seu êxito”. (“Vida e Obra de Marini. Editora ‘Expressão Popular’, 2005, p. 220)

Bibliografia=

Casanova, P. G. (coord.)- “Historia política de los campesinos latino-americanos”. Volumen 1. siglo veintiuno editores. 1984

- Rama, Carlos M.- “Historia del movimiento obrero y social latinoamericano”. Editorial Laia. Barcelona. 1976

- Melis, A. – prólogo a Rama, Carlos M., “Historia del movimiento obrero y social latinoamericano”. 1976

Julliar, Jacques. “Autonomie Ouvrière”. Gallimard-Le Seuil. Paris. 1988

- Lowy, M.- Besancenot, O.- “Che Guevara, uma chama que continua ardendo”. Editora unesp. 2009

- Lowy, M. – “Juifs hétérodoxes. Romantisme, messianisme, utopie”. éditions de l’Éclat. Paris. 2010

- Sader, Emir- “El Nuevo Topo, los caminos de la izquierda latino-americana”. Siglo veintiuno editores/CLACSO coediciones. Argentina. 2009

- Ornelas, Raul- "Contrahegemonias y Emancipaciones". In, Los desafíos de las emancipaciones em um contexto militarizado". Ana Esther Ceceña (coord.). CLACSO Libros. Argentina. 2006
- Santos, Boaventura- "Enriquecer la democracia construyendo la plurinacionalidad". In, "Democracia, Participacion y Socialismo. Bolivia, Ecuador, Venezuela". Fundacion Rosa Luxemburg. Quito. 2010.
- Mazzeo, Miguel – "Invitación al Descubrimiento. J.C. Mariategui y el Socialismo de Nuestra América". Editorial El Colectivo. Buenos Aires. 2008-2009.
- Mazzeo, M.- "Los 'elementos de socialismo práctico': um concepto necessário para pensar el socialismo del siglo XXI". Em="Vigencia de J.C. Mariategui. Ensayos sobre su pensamiento". dialektika. Buenos Aires. 2009
- Novaes, Henrique T. (org.): "O Retorno do Caracol à sua Concha". expressão popular. 2011
- Site=WWW.claudioautogestao.com.br (2013)
- Site-R.M. Marini = WWW.marini-escritos.unam.mx
- "R.M. Marini-Vida e Obra. editora "Expressão Popular". 2005
- "Cidades Rebeldes". Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Boitempo editorial e Carta Maior. 2013.
- Bloco de Lutas. "Dias de Dissidio". Youtube. 2013
- "Debajo y detrás de las grandes movilizaciones". Cuaderno OSAL. n.34. CLACSO. 2013

